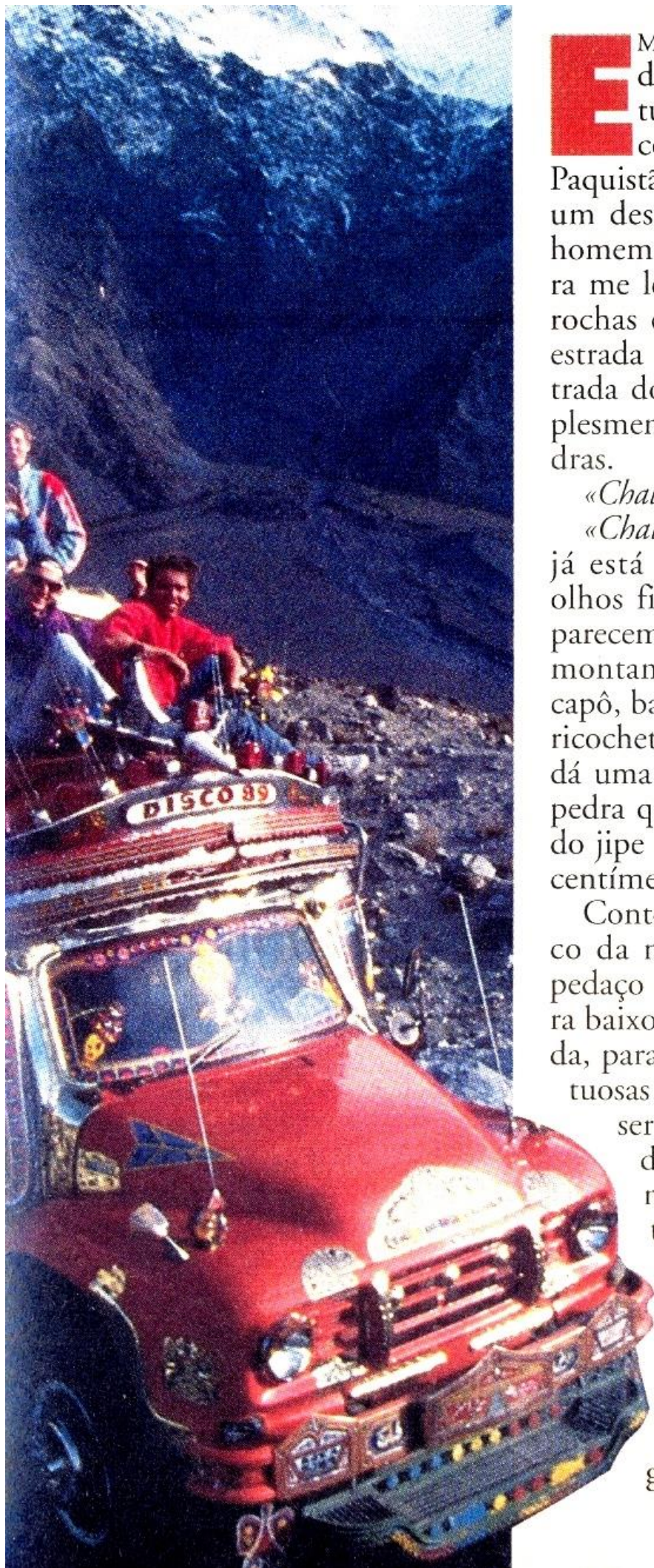


Quando a estrada chegou a Hunza,
esta região isolada no Norte do Paquistão
abriu-se, enfim, ao mundo.

NO PAÍS DO AGA KHAN

Condensado de NATIONAL GEOGRAPHIC
JOHN McCARRY

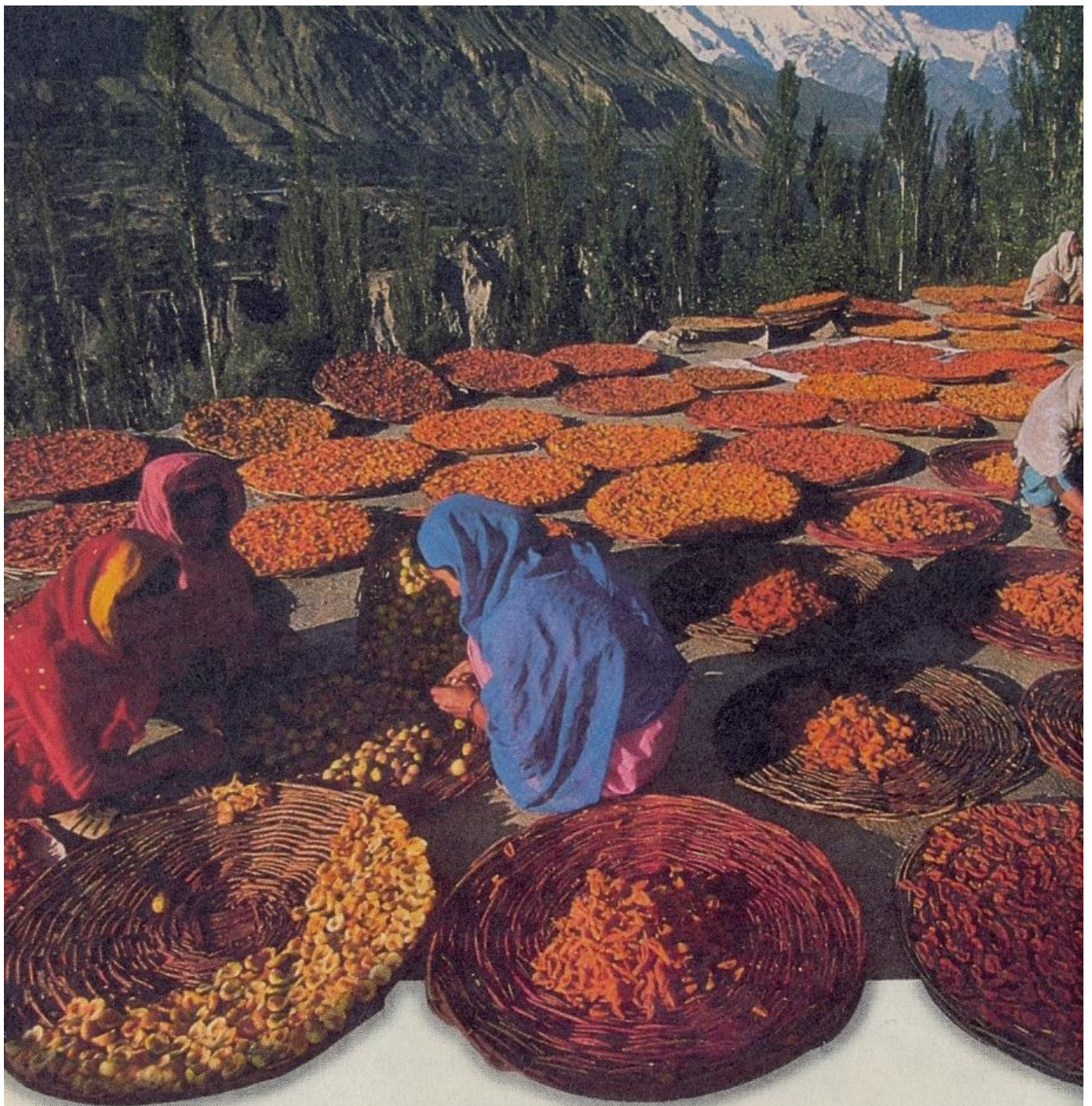


EM PISSAN, um lugarejo isolado a cerca de 1800 m de altitude na cordilheira de Caracórum, situada no Norte do Paquistão, o meu jipe é parado por um desmoronamento de terras. O homem que contratei em Gilgit para me levar até Hunza olha para as rochas e suspira filosoficamente. A estrada estreita, conhecida como Estrada do Caracórum, ou, mais simplesmente, KKH, está cheia de pedras.

«Chalo», diz ele em urdu. «Vamos.»

«Chalo?», repito, inseguro, mas ele já está pisando no acelerador, os olhos fixos nas grandes pedras que parecem querer soltar-se do topo da montanha. As pedras ressaltam no capô, batem no banco de trás, fazem ricochete no pára-brisa. O motorista dá uma guinada para o lado, e uma pedra quase do tamanho de metade do jipe bate no pavimento a poucos centímetros de meu joelho.

Contornamos velozmente o flanco da montanha, chegando a um pedaço de estrada limpo. Olho para baixo, pelo acostamento da estrada, para as águas cinzentas e tumultuosas do rio Hunza. O rio parece ser da mesma cor que a estrada, que, por sua vez, é da mesma cor do céu. Até as encostas inclinadas da montanha são um amontoado acinzentado de rochas. Um cabo telefônico avança paralelamente à estrada, que corre paralela ao rio, três linhas da vida que prosseguem em direção a Hunza.



Com cerca de metade do tamanho do estado americano de Massachusetts e uma população de aproximadamente 35 000 habitantes, a região de Hunza foi, durante muito tempo, uma das regiões mais remotas do Sudoeste Asiático, um reino repleto de glaciares e de picos com mais de 7000 m de altura, exclusivamente ligado ao mundo exterior por veredas e algumas pistas que mal se podiam utilizar. Mas, em meados

da década de 60, o então *mir*, ou príncipe, convenceu o governo paquistanês a fazer passar a Estrada do Caracórum pela região central de Hunza. A estrada demorou mais de uma década a ser construída, tendo custado as vidas de mais de 500 operários e muitos milhões de dólares. Em 1974, o *mir* renunciou ao poder, e a região de Hunza passou a ser diretamente controlada pelo Paquistão; a estrada foi concluída

em 1979. Esta sucessão de acontecimentos transformou Hunza.

Dobramos outra curva. De repente, as montanhas que se erguem em voltas em nevoeiro abrem-se e vislumbro plantações irrigadas de cereais. Este oásis de verdura surpreende no meio desta paisagem lunar. Meu motorista puxa pelo motor e avançamos velozmente em direção a Karimabad, a antiga capital.

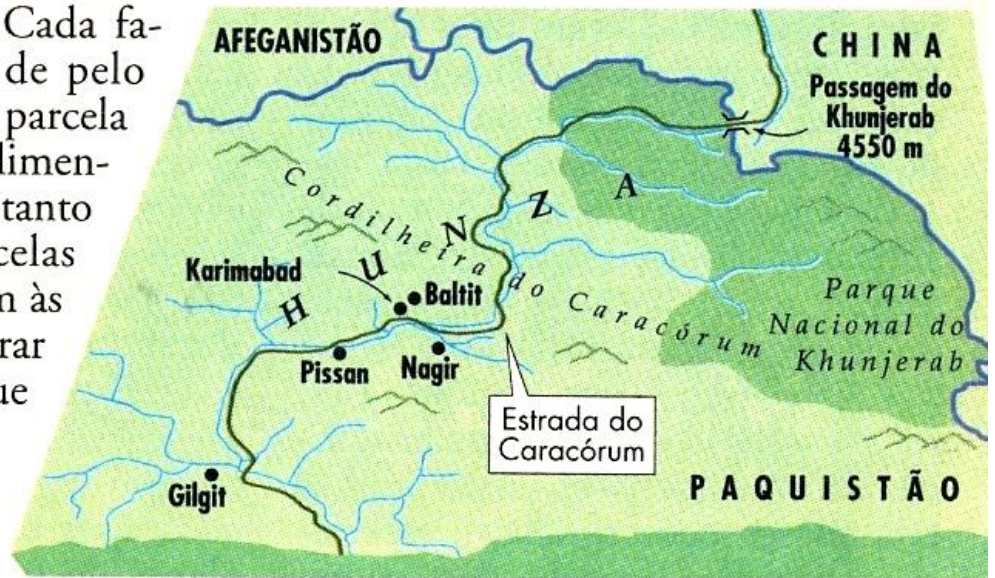
Os habitantes de Hunza continuam sendo agricultores de subsistência, tal como o foram durante milhares de anos. Cada família é proprietária de pelo menos uma pequena parcela de terreno, sendo os alimentos que cultivam com tanto esforço nas suas parcelas os mesmos que comem às suas mesas; é raro sobrar qualquer excedente que possa ser vendido.

Perto da cidade de Baltit, travo conhecimento com um agricultor jovem chamado Deedar Aly Shah, um membro do clã buroung dos burushos, a etnia dominante de Hunza. Todos falam *burushaski*, um idioma que, aparentemente, não está relacionado com qualquer outro idioma do mundo. Os burushos representam quase 70% da população.

A família de Deedar Aly é proprietária de 47 *kanal* de terra, o equivalente a cerca de 3 ha, o que faz que seja dos maiores proprietários rurais de Baltit. Mas Deedar Aly explica que só cerca de dez *kanal* dos

seus campos dispostos em terraços é que podem ser irrigados. «Nunca uma árvore ou uma única planta aqui cresceu de moto próprio», afirma ele. «As plantas só crescem se forem cultivadas pelo homem.»

Mostra-me o modesto mas florescente pomar de damasqueiros da família. Os damascos são, tradicionalmente, uma cultura importante; comem-se frescos no verão e secos durante o inverno, e o caroço é esmagado para produzir óleo culinário.



Baixa-se para levantar uma pedra, e uma corrente de água gelada arrasta-se sobre algumas rochas e para o solo. A corrente provém de um sistema de canais de irrigação que se estende ao longo de cerca de 8 km, desde os glaciares até os campos de cultivo, tendo o mais antigo deles sido aberto nas encostas traiçoeiras da montanha séculos atrás, com chifres de íbex, pelos habitantes de Hunza.

«Mesmo tendo esta quantidade de terra», explica-me ele, «e podendo produzir duas colheitas por ve-

rão, a produção de alimentos não é suficiente para durar um ano inteiro; talvez sejam alimentos suficientes para seis meses. Já uma vez, no fim do inverno, só nos restavam espinafres, ramas de nabo e raízes para comer.» Agora, graças à estrada, é possível ter abastecimentos durante todo o ano.

Quando os britânicos exploraram esta região pela primeira vez, no século XIX, ficaram espantados por conhecerem pessoas que declaravam ter mais de 120 anos. Segundo algumas opiniões, foram estes encontros que inspiraram o Shangri-la do romance de James Hilton, publicado em 1933, *Horizonte Perdido*.

Os hunzakuts não se importam de alimentar o mito de que vivem mais tempo que todas as outras pessoas do mundo, atribuindo esse fato à sua dieta «pura», que, segundo eles, foi corrompida quando os britânicos introduziram «os cinco adutores» — açúcar, tabaco, especiarias, chá e óleo vegetal — no seu baluarte montanhês.

Certa tarde, estava eu sentado tomando chá numa loja de *chai* (uma sala de chá) na região inferior de Hunza quando um senhor cheio de rugas contou casualmente ter 119 anos. Quando viu a minha surpresa, encolheu os ombros frágeis dentro de sua *choga*, o capote tradicional de lã com mangas muito longas que cobrem totalmente as mãos, e acrescentou que alguns de seus amigos eram ainda mais idosos. Seu sobrinho veio falar comigo alguns minutos mais tarde. «Na verdade, pen-

samos que o tio tenha cerca de 80 anos», explicou com um sorriso. «Mas não fique ofendido por ele lhe ter dito que era mais velho; só estava querendo brincar consigo.»

Até o Paquistão ter anexado Hunza, em 1974, as pessoas desta região viviam sob o domínio dos *mir*s, uma família de governantes que declarava ter governado sem interrupções durante mais de 900 anos. Tal como os autocratas vizinhos, também os *mir*s eram despóticos; tinham, porém, vistas mais largas. «Os *mir*s contribuíram para o desenvolvimento de Hunza por terem promovido os contatos com o mundo exterior», explica Stephen Rasmussen, um americano a quem compete a direção geral do Programa de Apoio Rural do Aga Khan.

«A Estrada do Caracórum é um exemplo perfeito. Quando o levantamento para esta estrada foi feito, na década de 60, ela estava sendo planejada para o principado vizinho de Nagar. Mas o *mir* de Nagar não quis a estrada, pelo que, em vez disso, e a pedido do *mir* de Hunza, decidiram fazê-la passar por aqui.»

O islamismo foi trazido para a região ao longo das vias comerciais das caravanas, e, por alturas do século XIX, já a maior parte da população de Hunza se tinha convertido. Atualmente, a grande maioria dos habitantes de Hunza é ismaelita, fazendo parte de uma pequena seita da comunidade xiita; seu líder espiritual, o Aga Khan, é considerado



pelos seus membros como um descendente direto do profeta Maomé, sendo, conseqüentemente, um imã.

Para muitos ocidentais, o nome do Aga Khan evoca a imagem do pai do atual imã, o príncipe Ali Khan, que se casou com a atriz Rita Hayworth e cuja reputação de *playboy* extravagante não deve fazer esquecer que dirige com sua família uma importante ação humanitária.

Por exemplo, as mulheres de Hunza têm direitos consideráveis. Aliás, e de acordo com a *farman* (diretiva espiritual) do próprio Aga Khan, se

seus seguidores tiverem um filho e uma filha e só puderem dar educação a um deles, deverão educar a filha; segundo o imã, o filho encontrará sempre uma forma de tomar conta de si. O que, pelo menos em Hunza, ficou amplamente demonstrado. O Serviço de Educação do Aga Khan começou a criar escolas para meninas há já quase 50 anos; as escolas para meninos não existiam. Hoje, mais de 90% das crianças de Hunza freqüentam a escola, e uma grande quantidade segue para a universidade.

Um fim de tarde, nos campos por cima de Baltit, reconheço a filha do dono do hotel em que estou hospedado. Ela veste o uniforme da Academia Aga Khan, inaugurada em 1987, que é a primeira escola interna para meninas das regiões do Norte. Está ocupada apanhando erva para alimentar os bois do pai. Perto dela está sua prima mais nova.

Pergunto às meninas quantas horas trabalham por dia, e a mais velha replica: «Bem, saio da escola por volta das duas, vou para casa, almoço e descanso. Por volta das três, venho para aqui e trabalho até o pôr do Sol. Volto para casa, janto e ajudo no hotel de meu pai, limpando ou cozinhando. Depois, estudo e em seguida vou para a cama.»

Pergunto se acha difícil conseguir fazer todas as suas tarefas e estudar. Ela ri. «Claro que não.» Pergunto então se a prima tem o mesmo horário, o que ela confirma. Mas sua irmã mais velha é casada e trabalha nos campos do marido. «Ela não passou no exame de admissão», esclarece.

Então, ela preferiu o casamento a uma educação e uma carreira? «Claro que não», contesta a mais velha. «O marido e a família dele estão amealhando dinheiro para que ela possa repetir o exame e ir para Rawalpindi estudar medicina.»

Atualmente, já existem 175 escolas das Bodas de Diamante do Aga Khan em Hunza e noutras zonas das regiões do Norte e de Chitral. Nos anos 70, e ao mesmo tempo que o governo começou a melhorar os

seus serviços de saúde, o atual Aga Khan começou também a criar centros de saúde materno-infantil. O resultado foi uma redução da taxa de mortalidade infantil de 250 por 1000 nascimentos vivos, registrada há 20 anos, para 60, bem como uma redução das doenças registradas entre as mulheres e as crianças.

Na década de 80, lançou o seu projeto mais arrojado, o Programa de Apoio Rural do Aga Khan. Desde 1982, o projeto já patrocinou a constituição de mais de 2500 organizações locais que ajudam a dar formação a seus membros na área da agricultura, silvicultura, horticultura, criação de animais, de empresas, *marketing* e contabilidade e crédito. Tal como a Estrada do Caracórum, também estas inovações estão transformando Hunza. E, de todas as mudanças, a maior é a utilização generalizada de dinheiro.

Estou tomando chá num hotel recém-inaugurado em Gulmit com um jovem empresário de boné verde à Mao e costas muito direitas. Regressou a Hunza com um curso comercial tirado na Universidade de Karachi e tem muitos planos. «Associei-me a meu irmão mais velho, que lançou uma empresa de importação-exportação com a China pouco depois da Passagem de Khunjerab ser aberta ao público, em 1986», declara ele num inglês impecável. «Meu irmão e eu levamos lenços, chá e cigarros para a China, trazendo tapetes e roupas de seda de volta para o Paquistão. Antes da abertura da KKH, o preço de um boi era cal-

culado em trigo. Mas agora estamos fazendo negócios numa escala comercial grande e trocando os produtos por dinheiro.»

Hoje em dia, uma das maiores fontes de receitas financeiras em Hunza é o turismo. Desde a abertura da Passagem de Khunjerab, o número de viajantes que chegam a Hunza tem aumentado constantemente; calcula-se que em 1994 a região foi atravessada por uns 12 000 turistas estrangeiros.

Normalmente, modificações desta amplitude e desta velocidade deixam atrás de si uma esteira de costumes destruídos, mas a cultura de Hunza parece ser tão resistente como seus habitantes.

E algumas das mudanças são bem-vindas. Certa noite, fui dar uma volta com um amigo por um caminho poeirento da montanha. A certa altura, as luzes apagaram-se, o que provocou um aguçar dos meus outros sentidos. Cheiro fumo de uma fogueira e ouço o eco de uma pequena flauta, bem como o marulhar da água do glaciador nos canais de irrigação. Numa curva do caminho, damos com dois rapazes locais. Vestidos com *jeans*, sapatos tênis e cami-

sas de cores alegres, estão tentando contornar-nos com um carrinho de mão onde transportam um televisor e um videogravador.

Como os habitantes de Hunza não conseguem captar os sinais da televisão paquistanesa e não há cinemas, os rapazes estão de volta à aldeia, onde dúzias de pessoas esperam por eles ansiosamente. Mais tarde, sentar-se-ão todos juntos para assistir a um filme indiano gravado em vídeo, com canções, danças e moças vestidas de sari.

O mais provável é a maioria dos hunzakuts acabar por concordar com Subedar Mir Hazar, um aposentado na casa dos 80 que encontrei colhendo batatas nos campos acima de Aliabad. Enquanto mete as mãos na terra para apanhar sua colheita, pergunto-lhe se as pessoas de sua geração têm pena das alterações provocadas pela Estrada do Caracórum.

Mira-me por cima do ombro com um olhar estranho, e fico pensando que talvez não tenha me ouvido. Já repetir a pergunta quando ele disse:

«Ter pena? Está brincando? A estrada foi o melhor que nos aconteceu.»

CONDENSADO DE «NATIONAL GEOGRAPHIC» (MARÇO DE 1994), © 1994 DE NATIONAL GEOGRAPHIC SOCIETY, WASHINGTON. FOTOS: © DE JONATHAN BLAIR. MAPA: PAUL WOODWARD

Bons cristãos

Nosso Lions Club estava tendo dificuldades em encontrar um local onde se pudesse servir uma refeição. Finalmente, uma igreja concordou em receber os membros e servir o jantar. «A história repete-se», observou um membro. «Os cristãos vão alimentar os leões (*lions*) novamente.»

— Elisabeth Hunt, EUA